

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

José Victor Negraes Rivotla

O Humor e o Riso: Possíveis interlocuções com a  
psicologia.

São Paulo  
2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

José Victor Negraes Rivolta

O Humor e o Riso: Possíveis interlocuções com a  
psicologia.

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para a graduação no  
curso de Psicologia, sob orientação da  
Profª Maria Cecília de Moura

São Paulo  
2019

**Um agradecimento especial à minha mãe.  
Sem ela eu não estaria aqui.**

## RESUMO

**Grande Área:** 7.00.00.00-0 - Ciências Humanas

**Área:** 7.07.00.00-1 - Psicologia

**Subárea:** 7.07.01.01-6 – História, Teorias e Sistemas em Psicologia

**Título:** O Humor e o Riso: Possíveis interlocuções com a psicologia.

**Nome do autor:** José Victor Negraes Rivolta

**Nome do orientador:** Maria Cecília Moura

**Ano:** 2019

Este trabalho teve como objetivo tentar elucidar melhor as possíveis interlocuções da psicologia com um tema ainda pouco investigado, o humor, a partir de artigos publicados pela área da psicologia nos últimos 10 anos que puderam ser encontrados no PePsic. Foram encontradas diversas aproximações possíveis em relação ao tema, mostrando que ainda há muito a se pensar sobre o assunto, que pode servir de auxílio para a profissão nos mais variados contextos, contribuindo para melhor compreensão de casos clínicos, bem como situações sociais em que o riso se faz presente. O humor pode, também, servir de auxílio para se compreender melhor um lado nunca antes visto do superego, contribuindo para um melhor entendimento teórico sobre este.

Palavras-chave: Psicologia, humor, palhaço, superego.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO .....   | 5  |
| 2 OBJETIVO.....  | 7  |
| 3 METODOLOGIA.....   | 8  |
| 4 CAPÍTULO 1 - DO PORQUE O HUMOR NÃO É LEVADO A SÉRIO..... | 9  |
| 5 CAPÍTULO 2 – O QUE É HUMOR.....                          | 10 |
| 5.2 – A linguagem figurada.....                            | 10 |
| 5.3 – Os chistes e sua relação com o humor.....            |    |
| 5.4 – Diferença pro cômico.....                            |    |
| 6 CAPÍTULO 3 – O PAPEL DO SUPEREGO.....                    | 15 |
| 7 CAPÍTULO 4 – CARÁTER DENUNCIATÓRIO DO HUMOR.....         | 17 |
| 8 CAPITULO 5 – SOLIDÃO DO HUMORISTA.....                   | 20 |
| 9 CAPÍTULO 5 – HUMOR E DELÍRIO.....                        | 21 |
| 10 CAPÍTULO 6 – HUMOR COMO RETORNO AO INFANTIL.....        | 22 |
| 11 CAPÍTULO 7 – HUMOR E SUBLIMAÇÃO.....                    | 23 |
| 12 CAPÍTULO 8 – O PALHAÇO.....                             | 26 |
| 13 CAPÍTULO 9 – HUMOR E CLÍNICA.....                       | 28 |
| 14 CAPÍTULO 10 – HUMOR E VELHICE.....                      | 31 |
| 15 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                               | 33 |
| 16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                         | 36 |

## 1. INTRODUÇÃO

No campo da psicologia, pouca atenção foi dada ao tema do humor. Em 1905 Freud publicou o livro intitulado “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. Somente anos mais tarde, em 1927, publicou seu livro “O Humor”. Mas segundo Daniel Kupperman(2010) “Pode-se mesmo dizer que a problemática do humor atravessa a sua obra do início ao fim” (p.193)

Porém, poucos autores se debruçaram diante dessa segunda obra. Atualmente, alguns passam a reconhecer a importância deste trabalho. Afinal, Freud dedicou-se a ele justamente nos últimos anos de sua vida, o que deixa evidente o quanto julgou necessário pensar sobre e elaborar mais o assunto.

Segundo Daniel Kupperman (2010), não foi sem razão que o pai da psicanálise escolheu esse momento para fazê-lo. Com a possibilidade de sua morte, Freud via uma tendência da psicanálise tornar-se quase uma religião, a partir de uma idealização e um endeusamento de sua imagem, o que não era de seu interesse.

Nesse sentido, o humor e seu trabalho de desidealização se ofereciam como uma ferramenta das mais eficazes para o combate. Seu potencial iconoclasta atinge, de um só golpe, a arrogância tecnicista, que pretende a medicalização dos cuidados do sofrimento da alma, bem como a proibição do pensamento imposta pela idealização religiosa. (KUPPERMAN, 2010, p.193)

Pode-se reconhecer nessa afirmação um potencial importante do humor, que é sua capacidade de desidealização de uma figura.

No Brasil muitos projetos fazem uso do humor e do riso como possibilidades terapêuticas. O mais conhecido e que faz uma atuação mais extensa e ampla é o “Doutores da Alegria”. Mas após ter sido criado, muitos projetos surgiram inspirados nesse, demonstrando que seus efeitos no ambiente hospitalar têm sido positivos.

Mas esse trabalho fala de um contexto bastante específico. Os doutores da alegria não são médicos nem agentes de outros segmentos da saúde, mas formados como atores, utilizando máscaras e roupas de palhaço. Além disso, trabalham apenas com crianças e adolescentes, compreendendo que sua forma de atuação e linguagem utilizada não produziria os mesmos efeitos com os adultos.

*Por meio de sua máscara, esse personagem tem autorização da comunidade para operar sobre uma lógica de pensamento não linear ou racional. O erro, o ridículo, o absurdo são bem vindos como materiais que tornam efetivo esse olhar. Novos pontos de vista são criados: o carrinho das refeições dos hospitais pode se transformar em um trem, devido a seu barulho; e o posto da enfermagem pode virar um balcão de pizzaria. Ou seja, o foco é totalmente concentrado no presente e na construção de uma relação lúdica. (MASSETI, 2005, p.457)*

Em pesquisa “O gênero da risada”, a partir de entrevistas com pessoas do Rio de Janeiro, Goldenberg e Jablonski (2011) apresentam algumas das características positivas do riso, como forma de comunicação e aproximação:

Se, de um lado, o riso pode ser associado à inferioridade, superficialidade, falta de civilidade e de juízo, por outro o riso pode ser associado a aspectos culturalmente bastante valorizados, como leveza, saúde, felicidade, simpatia, comunicação. Nesse sentido o riso é uma forma privilegiada de comunicação, de aproximação, que simbolicamente representa leveza. (GOLDENBERG et al., 2011, p.24)

Portanto, o seguinte trabalho pretende investigar como o humor e o riso podem servir à psicologia nos mais diversos contextos, não atrás das máscaras como os palhaços, mas a própria figura do psicólogo, independente de onde esteja atuando, operando sobre uma lógica de pensamento não linear ou racional e a partir de uma relação mais lúdica mesmo tratando-se de adultos, à quem “ A risada passou a ser entendida como um descontrole sobre o próprio corpo e também como um signo de não “civilidade” ou falta de educação” (GOLDENBERG et al., 2011, p.18) em contraste com à forma de se expressar da criança.

## **2. OBJETIVO**

Investigar como o humor e o riso podem servir à psicologia em diferentes contextos.

### 3. METODOLOGIA

O método a ser utilizado será o de análise bibliográfica (OLIVEIRA, 2007), que estabelece a consulta direta de fontes científicas, relacionada às publicações de diferentes pesquisadores sobre o tema. Conforme pode ser visto em Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica “é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos” (p. 68). Esta tarefa exige que o pesquisador reflita sempre nas etapas de seu trabalho.

Será feita uma busca teórica voltada para o tema do humor e suas possíveis interlocuções com o campo da psicologia.

Serão analisados trabalhos dos últimos 10 anos e a partir da base de dados SCIELO.

Os dados coletados serão analisados de acordo com a sua relevância para esta pesquisa e relacionados com o objetivo deste trabalho.

#### 4. CAPÍTULO 1 - Do porque o humor não é levado a sério

Gruda (2013) comenta sobre obra publicada por Manfred Geier (1943), “Do que riem as pessoas inteligentes? Uma pequena filosofia do humor”, publicada em alemão em 2006 e traduzida para o português em 2011, onde produz uma tese dos motivos do riso e o humor terem sido ignorados pelos pensadores ocidentais, apresentando alguns pensadores que se debruçaram sobre o tema.

Acusa, logo no início de seu livro, as tradições socráticas e platônicas de introduzirem uma seriedade moral que afastou o riso do pensamento filosófico. “Dentro da perspectiva platônica, o filósofo que ri é uma contradição inexorável como uma madeira metálica ou um leite preto.” (GEIER, apud GRUDA, 2013, p.104) Cria-se assim uma noção de oposição entre o que é sério, digno de atenção e o que faz rir.

Em contrapartida, um filósofo contemporâneo destes apresenta uma perspectiva filosófica na qual o riso é valorizado. São dele as seguintes frases: “somente os tolos vivem sem alegria de viver”; “o melhor para os homens é passar a sua vida o máximo possível com alegria e se render o menos possível a um humor tristonho” (DEMÓCRITO apud GRUDA, 2013, p.104).

Mas a noção de que o risível ocupa um lugar isolado do pensamento científico se perpetua até os tempos atuais. É recente o movimento das áreas científicas de se debruçar diante do tema, assumindo sua seriedade.

## 5.

### **CAPÍTULO 2 – O que é humor:**

#### **5.1 – A linguagem figurada**

Em “Aquisição da linguagem figurada” (MOUSINHO et al., 2009), foi feito um teste com diversas crianças, a fim de descobrir em que fase do desenvolvimento infantil as diferentes formas de linguagem figurada são adquiridas. Para tanto, diferem três formas dessa linguagem: as metonímias, as metáforas e as estruturas que envolvem o humor, como as piadas, utilizando os parâmetros da Linguística Cognitiva.

Nas metonímias a estrutura presente é a projeção, que se refere à produção, transferência e processamento do significado. Usam como exemplo a frase “a mesa 10 já pagou a conta”, na qual se projeta que o número da mesa faz referência aos clientes sentados na mesa que é representada com esse número. Os resultados da pesquisa mostram que essa é a primeira forma de linguagem figurada adquirida pelas crianças, entre os cinco e seis anos, na qual se utiliza uma parte de algo para compreender o todo, como no exemplo destacado.

Na metáfora ocorre uma mesclagem conceitual, onde, na conexão entre dois conceitos projetados parcialmente, cria-se um terceiro espaço, com uma estrutura própria, a partir da mescla de parte das outras duas estruturas. “Não é suficiente conhecer os espaços-bases, é necessário interpretar o resultado da mescla deles, em um novo contexto”

De acordo com a Linguística cognitiva, o humor é resultado de uma mudança de enquadre, “um processo de operação de reanálise semântica que reorganiza a informação existente em um novo modelo cognitivo”. Ou seja, ocorre quando uma segunda afirmativa altera o sentido de uma primeira, que deve então ser revista agora em seu novo sentido. Segundo as pesquisadoras, essa é uma forma de linguagem figurada bastante presente no humor, o que não significa que seja a única. Tal operação é possível a partir dos sete ou oito anos.

Ao fim do trabalho, confirmam a hipótese de que há uma hierarquia entre esses fenômenos. A criança passa a compreender uma nova forma de linguagem figurada somente após adquirir a anterior, mais básica.

O humor, portanto, inicia-se a partir da aquisição da mudança de enquadre, mas pode aparecer de formas mais sofisticadas utilizando-se de metáforas, que são

possíveis a partir dos 8 ou 9 anos, quando a criança domina a mesclagem de conceitos, assim como podem tomar formas mais básicas, anteriores até mesmo à aquisição da mudança de enquadre. A ironia, por exemplo, é uma forma de linguagem figurada que não foi abarcada pela pesquisa.

## **5.2 – Os chistes e sua relação com o humor**

Em seu livro “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905) Freud tenta esclarecer o que é humor, o que é o cômico e o que são os chistes, a fim de mostrar suas características comuns e particulares, distinguindo-os. A palavra chiste, que no português tem o mesmo sentido que “piada”, foi traduzida do alemão “witz”, que pode significar “espirituoso”, como em sua tradução para o francês. Os chistes compõem uma das formações mais importantes do inconsciente, junto com os sonhos, sintomas e atos falhos, mas dentre estes foi o menos estudado pelos psicanalistas.

De acordo com o livro “O humor”, o processo humorístico pode se dar de duas formas. Na primeira situação há um sujeito que adota a atitude humorística isoladamente, enquanto outro, seu espectador, obtém prazer ao rir, o que causa prazer naquele que a proferiu. Nesse caso, o alvo da atitude humorística é o próprio humorista, que ri de si mesmo junto de seu espectador. Na segunda, o outro sujeito deixa de ser espectador e torna-se objeto de contemplação humorística, alvo da piada, tendo assim como espectador um terceiro.

Mas o que seria uma atitude humorística? Ao tentar esclarecer o que seria tal atitude Freud usa o exemplo de um criminoso que, diante de sua morte após ser condenado por seus crimes declarou: “bem, a semana está começando otimamente”. Na história, o humor se dá a partir de seu próprio sofrimento, da possibilidade de sua própria morte, ao lidar com ela de uma forma inesperada. O humor nessa história é feito por um sujeito isoladamente, que ri de si mesmo. “O criador da Psicanálise, assim, traduz o humor como algo rebelde, mas com grandeza e elevação, sendo, portanto, liberador ao tratar da crueldade dos acontecimentos reais”. (ASSIS, 2010, p.31)

O humor na história descrita surge a partir de uma piada num momento em que se espera sofrimento e angústia, o que deixa evidente o que torna tal atitude humorística, uma vez que serve como forma de se ter prazer mesmo na presença

de afetos dolorosos que estão envolvidos no contexto da situação humorística, substituindo-os, impedindo que eles surjam, uma vez que se coloca no lugar destes.

Ao produzir um dito humorístico, um discurso lógico se transforma a partir de conteúdos inconscientes, sendo enunciado com uma nova elaboração, agora mais próxima dos jogos infantis, pois utiliza-se de jogos com as palavras, o que tem por consequência a economia da energia que se gastaria para manter a seriedade adequada ao mundo adulto.

De acordo com Sheyla Machado (2009, p.56) tanto o humor quanto o trágico possuem algo em comum, pois ambos se desenvolvem a partir de um mesmo ponto: a morte. Não se trata da morte do corpo, a biológica, mas sim ao que Freud chamou de pulsão de morte e que Lacan enunciou como o gozo ou o Real. Desde o nascimento, o bebê, no início de sua vida, precisa de um Outro para sua sobrevivência, garantindo-lhe experiências prazerosas que permitem que elabore representações do objeto que lhe promove satisfação

Ora, se, por um lado, as primeiras inscrições simbólicas que acompanham as satisfações iniciais têm o poder de acalmar a angústia produzida pela invasão das sensações proprioceptivas desordenadas que caracterizam os primeiros meses de vida, por outro lado, no próprio ato dessa inscrição, institui-se um espaço exterior, fora simbólico, que tenderá a ser evocado a cada passo, independentemente do fato de quão satisfeito esteja o bebê.(MACHADO, 2009, p.56)

Sendo assim, no plano psíquico torna-se impossível a satisfação total do sujeito, gerando uma tendência compulsória a repetição, o que produz um mal-estar por conta da alternância entre os sentimentos de prazer e desprazer. A essa tendência, Lacan deu o nome de gozo.

De acordo com a autora, o prazer, necessário ao cômico, nem sempre está presente nas experiências de gozo. Portanto, num primeiro tempo da comédia está o gozo e, num segundo o prazer. Esses dois, juntos, ainda não garantem uma situação humorística, que só é possível na presença do que aparece no terceiro tempo: o riso. Por conta disso, o papel do outro no humor é importantíssimo.

Ao descrever a história do condenado à morte, o processo humorístico é considerado por Freud o mais elevado mecanismo de defesa, uma vez que impede que surja o desprazer, um afeto doloroso, substituindo-o pelo prazer, que como já vimos é necessário para que algo seja humorístico. “Ele retira da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, tal como o faz o recalque, e assim domina o automatismo de defesa”(SALLES, 2011, p.22) Assim, pode impedir esse afeto inteira ou parcialmente dando-lhe em troca prazer. O mais comum é impedir parcialmente, o que nos permite rir da situação, mas ainda na presença de um afeto doloroso, mesmo que se torne mais suportável.

Freud conclui, assim, de acordo com Corrêa(2009) que no humor há uma economia de afeto, no sentido em que não ocorre a liberação deste, tornando-o, através do humor, fontes de prazer, impedindo o desprazer. “O humor atua como substitutivo na geração dos afetos e coloca-se no lugar deles, obtendo muito êxito” (CORRÊA, 2009, p.18). Pirandello apresenta ideia semelhante, ao dizer que o humor consiste no sentimento do contrário, trazendo os elementos dolorosos presentes na alegria e os risíveis da dor.(LIMA, 2009, p.29). Essa seria, então, a definição do que é o humor ou uma situação considerada humorística aos olhos da psicanálise.

### **5.3 - Diferença pro cômico**

Apesar de parecerem a mesma coisa, ao longo dos textos já foi possível perceber algumas diferenças marcantes entre os chistes, o cômico e o humor. Marília Moraes(2008, p.118) lembra que Freud, ao desenvolver sua teoria dos prazeres, lança luz sobre essa questão. Segundo ele, o chiste garante uma economia de despesa, uma vez que suspende as inibições impostas ao ego. O cômico seria quando essa economia diz respeito a algum tipo de ideação. Já o humor, ocorre quando por conta da economia de um afeto, o sujeito obtém prazer.

No cômico, rimos ao perceber em outra pessoa uma grande despesa de energia, desnecessária ou exagerada. Assim, ao compararmos os movimentos dessa pessoa, marcando a diferença entre a situação que a pessoa está submetida, rimos pelo alívio de que aquilo não se passa comigo mesmo. Ou seja, rimos ao percebermos a economia promovida entre o que imaginamos por nossa ideação e o

que se observa. Por conta disso, o trágico se aproxima bastante do cômico, uma vez que na tragédia, também nos sentimos aliviados de não estar no lugar do outro.

Para Henri Bergson, autor do livro “o riso” (1900), este possui uma função social, pois se ri daqueles que fogem de um padrão ou de um enrijecimento estabelecido por determinada sociedade. Para ele, toda a comicidade parte justamente dessa rigidez. (FERRAZ, 2009)

Para Beatriz de Vasconcelos, autora do livro “só dói quando eu rio”, o cômico consiste na comparação entre duas figuras, criando um sentimento de superioridade naquele que ri. Já o humor, para ela, é enfrentar a morte e ainda obter prazer nisso. Não nega a morte, mas a desafia, criando uma nova verdade, distinta das grandes verdades já enrijecidas. (FERRAZ, 2009)

## 6. CAPÍTULO 3 – O papel do superego

Depois de desenvolvida sua segunda tópica, na qual Freud descreveu de forma mais precisa o ego e o superego, volta a revisar o tema do humor a partir dessa nova perspectiva. A participação do superego, inclusive, é o que caracteriza o humor, marcando sua diferença entre o cômico e os chistes.

No humor, o superego mostra uma faceta diferente da que apresenta em outras situações nas quais é punitivo. “Quem ri das dificuldades do eu é o superego, que aqui mostra sua face benévola resultante da simbolização da castração. Diante da angústia de castração o eu ri de si próprio.” (SALLES, 2011, p.22)

O que distingue o humor do cômico e dos chistes é essa postura vitoriosa do eu que, diante da realidade, não se permite cair em sofrimento, mas justamente o contrário, obtendo prazer sem deixar-se afetar pelas angústias que o mundo externo lhe coloca, preservando o eu diante da ameaça de massacre por este. E isso é possível somente por conta de uma atitude benigna do superego em relação ao ego.

Nessa ocasião o ego esvazia-se de sua libido narcísica, direcionando-a ao superego, sem que seja eliminado por completo. “Ele conserva suas funções de observação e crítica do eu, mas o faz agora com certa indulgência para com suas deficiências e fraquezas, tratando-o como um adulto trata uma criança.”(SALLES, 2011, p.23). Basta pensar que os adultos, após terem passado pelos afetos que afligem as crianças, são capazes de rir deles, da mesma forma que o humorista ri de suas dores. Partindo dessa analogia, podemos identificar que o humorista assumiria uma superioridade, tomando o lugar do adulto que se diverte com as dores que para o outro parecem tão grandiosas.

No humor, diante dessa nova disposição em que o ego direciona sua energia libidinal ao superego, ele não nega, mas identifica a realidade dolorosa que o agride, admitindo sua falta e reconhecendo sua castração simbólica imposta pelo superego. Essa castração é responsável por um desamparo constitucional do ser humano, o que geralmente promoveria uma idealização de algumas figuras que poderiam minimizar seus efeitos dolorosos no sujeito, como por exemplo, as imagens adoradas pelas religiões.

A idealização seria a responsável pela criação ilusória de uma divindade onipotente que poderia nos oferecer proteção, ou de uma Weltanschauung (visão de mundo) totalitária, que nos proporcionaria explicações sobre a origem e o fim da vida, bem como estabeleceria os critérios morais da boa conduta, confortando-nos e minimizando o impacto dos conflitos e das incertezas existenciais (FREUD apud KUPERMANN, 2010, p.195)

É no humor que podemos observar um superego muito diferente do que é descrito pela psicanálise usualmente. Sádico e tirânico como é descrito normalmente, mostra no humor seu lado benevolente. Tranquiliza o sujeito mostrando que pode se divertir à custa do mundo que lhe parece ameaçador.

“Nosso riso é certamente subversivo. Ao rirmos, desafiamos as leis de homens e deuses” (GORENDER, 2008, p.137)

## 7. CAPÍTULO 4 – Caráter denunciatório do humor

Dessa forma, o dito espirituoso, ou o chiste, só cabem em determinados contextos, nos quais as pessoas compartilham uma visão de mundo semelhante. É, portanto, uma construção social e depende da autorização de um grupo. Para rir de um chiste, é necessário pertencer ao grupo, o que evidencia a importância do papel da terceira pessoa, o público, em relação a um dito espirituoso.

é o público que consente a transgressão embutida na suspensão do recalçamento promovida pela piada. Sem essa autorização, o efeito de graça sucumbiria ao constrangimento provocado pela evidência da satisfação pulsional obtida pelo piadista, derrapando para o terreno ofensivo da obscenidade.” (KUPERMANN, 2010, p.197)

Mas isso não significa dizer que o dito espirituoso serve apenas para reafirmar a visão de mundo compartilhada por um grupo, direcionando toda a agressividade que carrega para seu alvo. Muitas vezes é capaz de ter como alvo a própria paróquia ou a si mesmo, abrindo caminho para transformações. Ela pode, muito pelo contrário, denunciar características internas das formas de existência, apontando suas hipocrisias e seus limites, o que se for compartilhado pelo público, abre espaço para novas formas de pensamento e podendo ser bastante transformador.

Birman(2010) em seu artigo “O rei está nu. Contrapoder e realização do desejo, na piada e no humor”, tenta mostrar como o humor e as piadas, além de serem formas de realização de um desejo, têm como principal alvo o campo do poder, sendo capazes de desconstruí-lo. Para ilustrar tal capacidade, o autor relembra de quando o então presidente Fernando Henrique Cardoso declarou sempre ficar aflito para ver se seria tema das charges no jornal.

Segundo ele, o humor das charges está no fato de apresentar uma figura idealizada devido ao lugar de poder que ocupa como uma pessoa comum, usando a ironia para que o leitor veja tal figura como um qualquer, não como alguém pior que

nós, mas de igual pra igual, apenas destituído de seu poder e o que se idealiza dele por consequência.

De acordo com Birman(2010)Os cidadãos de uma sociedade, no campo do imaginário, colocam em destaque aqueles que ocupam alguma função que esteja relacionada ao poder. Mas tal ilusão é compartilhada tanto pelo cidadão comum como por aquele que é colocado em alguma posição de poder, passando a se acreditar superior, ou detentor de algo que apenas ele possui. O humor serviria então para quebrar essa ilusão, tanto para seu leitor quanto para seu alvo, quebrando com a disposição hierárquica imaginária construída socialmente. Para o leitor, um sentimento de alívio ao reconhecer tal figura como semelhante. Ao alvo da charge, a angústia por constatar tal afirmação.

Enfim, o humor tem a potência de nos evocar de maneira insistente que somos todos equivalentes nas nossas diferenças, relançados que somos por aquele à mesma sopa comum da cidadania, sem os ouropéis dos poderosos e sem a indignância dos cidadãos comuns.(BIRMAN, 2010, p.179)

Em outro caso, uma charge em relação a outro presidente, Tancredo Neves, gerou grande repercussão também. Diante da possibilidade de sua morte, um cartunista apenas evidencia tal possibilidade, resgatando um ditado brasileiro apresentado agora num novo sentido. O humor se dá a partir da constatação de nossa igualdade também diante da morte, enquanto no imaginário social o poder confere habilidades sobrenaturais, como por exemplo, a imortalidade. A possibilidade da morte do então presidente, de acordo com Birman (2010), estaria presente apenas de forma virtual e recalcada e a charge consegue justamente suspender esse recalque, escancarando aos olhos do público a angústia de forma real.

Birman (2010) nos leva à Freud, que em seu livro “além do princípio do prazer”, coloca em evidencia a oposição entre as pulsões de vida e de morte. De forma que, neste contexto, a realização de desejo seria a forma pela qual a vida como potência se afirmaria face à demanda da morte, num diapasão sempre regulado pelo imperativo do princípio do prazer. (BIRMAN, 2010, p.185) Assim, a

vida tenta se impor frente à morte através do princípio do prazer, a partir da realização dos desejos, o que lhe confere ao desejo um grande papel no psiquismo descrito por Freud, uma vez que norteia os sintomas, as piadas, os atos falhos e os sonhos, formas pelas quais ele se realiza. Nessas formas de realização de desejo, o sujeito direciona uma mensagem ao outro, o que é mais evidente no caso das piadas mesmo que presente nas outras formas de apelo em direção a um outro, que se faz presente em uma cena social, menos no sonho, onde este está ausente.

No sonho, diferentemente das outras, o desejo presente não é reconhecido pelo sujeito, que o realiza então de maneira mascarada, a partir do surrealismo promovido pelo sonho. Na piada o desejo é realizado sem nenhum disfarce, de forma intencional.

Com a gargalhada irônica, o gozo se disseminaria na cena social, numa atmosfera coletiva de festa que é feita às custas de quem é ironizado. Enfim, a piada e o humor se inscreveriam efetivamente no registro da transgressão, o que os caracterizaria enquanto formas de discursividade. (BIRMAN, 2010, p.18)

Esse caráter transgressor do humor justifica a aflição daqueles em posição de poder em relação a ele, passando a ser uma forma de contra poder, passando a ser sua principal função social nos tempos atuais.

Durante a Idade Média a escrita humorística foi proibida, justamente por esses motivos. O filme “O nome da Rosa” mostra isso de uma forma brilhante, a partir de uma série de mortes que giram em torno de um livro de Aristóteles tratando Deus com humor, o que não poderia ser aceito pelos líderes religiosos daquela igreja. Segundo Corrêa (2009, p.17), Bakhtin afirma que esse tipo de escrita só foi retomado na virada para o Renascimento por François Rabelais, que se utilizava bastante do exagero, dos duplos sentidos e da esquisitice a partir de situações cotidianas, algo mais próximo ao cômico.

Aqui podemos perceber o caráter denunciatório do humor. O perigo do riso consiste no fato de que este, diferentemente das outras formações inconscientes, “permite, com pouco ou nenhum custo, não a atuação, mas a expressão do inconsciente e a suspensão psíquica das leis humanas, da linguagem, da realidade e da morte”(GORENDER, 2008, p.140), rebelando-se contra as “regras do jogo”. A

terceira pessoa funciona, portanto, como outro que, com sua permissão, torna mais leve, para si e para o contador do chiste, o peso da lei.

## **8. CAPITULO 5 – Solidão do humorista**

Uma vez compreendido o papel de denunciar certas hipocrisias dentro de um grupo social que compartilha tais ideias, podemos pensar que há certa solidão do humorista em relação ao grupo do qual assume uma atitude contestadora. “A capacidade de rir de si mesmo que define o humor é índice não apenas do descentramento em relação ao próprio eu, mas também em relação aos ideais reguladores da vida social.” (KUPERMANN, 2010, p.198)

O humor diz respeito a uma fantasia, uma visão não compartilhada pela paróquia. Ao enuncia-la o humorista está de certa forma quebrando os limites dessa instituição, como se a estivesse traindo. Nesse momento o humorista deixa de compartilhar a mesma visão de mundo, alterando-a, o que implica em seu isolamento em relação àqueles que a compartilham, ficando solitário em sua compreensão particular de mundo. O riso do outro significa que ele reconhece tal visão como verdade, tirando o humorista de sua solidão. Mas é possível que sua visão não seja compartilhada por ninguém e permaneça nessa condição, sendo considerado um transgressor pelo resto do grupo.

## 9. CAPÍTULO 5 – Humor e delírio

A psicopatologia fenomenológica compreende como real tudo aquilo que podemos perceber a partir de nossos sentidos. Apreendemos a realidade ao significá-la, a partir do que percebemos dela. A realidade vivida, segundo Jaspers (1996) é aquela compartilhada por toda uma sociedade, por uma mesma cultura (CÂMARA, 2009). Quando a significamos, criamos juízos a respeito dela. O delírio seria um falso juízo patológico, um sentimento de estranhamento do mundo ao seu redor, passando a se relacionar com ele de forma singular, o que é muito angustiante, ao ponto que as pessoas ao seu redor não o compreendem, pois não compartilham um mesmo entendimento do mundo.

Para a psiquiatria, o delírio é um dos principais sintomas das psicoses em geral. Mas para Jaspers essa seria uma forma do indivíduo se aliviar de toda a tensão causada pelo estranhamento do mundo ao seu redor, o que acaba protegendo o indivíduo de toda a angústia que isso lhe causava. Câmara(2009, p.35) afirma que essa seria uma das aproximações possíveis entre o delírio e o cômico. O próprio Freud considera o delírio não como um sintoma, mas como a tentativa de cura, ou seja, uma forma de alívio ou prazer, mesmo que momentâneo. Diante de tal condição delirante, um sujeito passa a ser afastado socialmente e a ocupar um lugar infantil em relação à sociedade. Pela família e conhecidos e tratado como uma criança e, por ser considerado ingênuo, está livre da culpa pelas coisas que diz, que, por conta da posição que passa a ocupar, deixa de ser ridículo e passa a ser cômico aos ouvidos de quem escuta. Rimos, por que diante deste que consideramos quase uma criança, baixamos nossas censuras e nossas forças repressoras que herdamos, nos colocando no lugar deste e comparando-nos a ele, que fala quase sem inibições.

Importante lembrar que apesar das aproximações possíveis entre os dois temas, há também características que o distinguem. O delírio, quando manifestado,

não tem como intenção nos fazer rir, diferente de um dito humorístico e causa bastante sofrimento ao indivíduo, justamente por não ter a mesma intencionalidade que o humor, sendo resultado de um mundo que lhe causa muito estranhamento e angústia.

## **10. CAPÍTULO 7 – Humor como retorno ao infantil**

A criança, ao aprender algumas poucas palavras, joga com elas, repetindo-as mesmo que sem nenhuma coerência, tornando-as conhecidas. Passa então a brincar com isso, modificando-as, conectando ideias que para nos adultos não tem nenhuma conexão. Assim, obtém prazer de suas próprias criações, sendo esse jogo um ato humorístico por si só, mas que também confere certo prazer para os adultos, que se divertem com as novas formas de ver o mundo que não correspondem as nossas verdades já estabelecidas.

Os indivíduos, em certa fase da vida, passam a ser censurados em relação as suas visões absurdas de mundo, tendo que abandonar-las em detrimento da realidade. Mas o princípio do prazer persiste e continuamos a manipular a linguagem. Na adolescência, por exemplo, cria-se um vocabulário próprio que caracterize seu grupo. E isso ocorre de outra forma na vida adulta, num jogo de palavras que pode ser percebido em diversas atitudes, dentre elas o humor, a fim de reeditar aquele prazer infantil.

As crianças, em suas brincadeiras enunciam fantasias que sabem serem impossíveis de realizar, muitas vezes a partir de impulsos destrutivos, produzindo um efeito de ironia. O humor na infância, de acordo com Maria Rita Kehl(2009), é possível a medida que a criança passa a perceber a onipotência que atribui ao grande Outro, momento que poderia ser bastante angustiante. As verdades emitidas pelos adultos podem ser contestadas a partir da visão infantil do mundo, a partir de suas próprias verdades, provocando um efeito humorístico ao apresentar suas irregularidades a partir de um novo ponto de vista. Assim como o poeta ou o humorista reorganiza as coisas do mundo ao seu redor em uma nova disposição, obtendo prazer de suas próprias invenções.



## 11. CAPÍTULO 8 - Humor e sublimação

A forma como o humor é capaz não só de evitar um afeto doloroso ao ego, mas também de transformá-lo em prazer, o distingue de um processo defensivo, aproximando-o mais de um processo sublimatório, uma vez que permite o que Mellor (2005, apud SALLES, 2011) chama de uma “reconstrução do eu dentro do eu”.

as sublimações seriam um meio particularmente eficaz para o sujeito encontrar novos caminhos pulsionais, pois implicam que ele se mantenha vivo e libidinalmente investido, criando novos sentidos para sua vida e afirmando seu desejo.(SALLES, 2011, p.24)

A sublimação seria um caminho alternativo ao recalque, no qual a pulsão se direciona não a um objeto sexual, mas ao social, transformada pela sublimação em atitudes para realizações culturais. Ambas dizem respeito a formas de se evitar a realização do desejo sexual diretamente, o que diz respeito a uma dessexualização do objeto. De acordo com a teoria psicanalítica, toda atividade artística tem sua origem na sexualidade, mas para que haja sublimação a pulsão deve encontrar uma nova finalidade, não sexual, que corresponde às mais diversas expressões artísticas, dentre elas o humor. Se faz necessária a troca do objeto original, aceitando, pelo luto, a perda do objeto idealizado.

Mas há uma diferença entre o humor e um processo de luto, uma vez que no humor se reconstrói o próprio eu e não apenas o objeto que foi perdido. Se aproximam no sentido em que através do humor, o eu reconstrói-se a si mesmo, destruindo seus ideais, entrando em processo de luto em relação a perda destes, mas assim garantindo sua preservação.

Diferencia-se também do processo melancólico, no qual diante da perda de um objeto há também um esvaziamento da energia libidinal do ego, super investindo o superego. Mas de acordo com Daniel Kupermann (2010) há uma diferença crucial entre esses dois processos, pois no humor o sujeito se identifica apenas até certo ponto com o pai. Ou seja, num processo melancólico, assim como nos masoquistas, a identificação seria tanta que o ego não consegue elaborar o luto do objeto, conservando a sombra do objeto idealizado. “Até certo ponto” indica uma

modalidade identificatória na qual é possível elaborar o luto de um objeto que, outrora, fora imprescindível, reconhecendo-se órfão desse mesmo pai” (KUPERMANN, 2010, p.199)

Somente por conta da aproximação entre o humor e a sublimação que o tema ganhou maior importância para a psicologia. E, de fato, são muitos os pontos comuns entre ambos:

Implicam processos que se situam na fronteira entre a defesa frente à angústia promovida pelos excessos pulsionais e o movimento criador; encontram suas fontes originárias no brincar infantil; indicam uma afirmação do sujeito e de suas experiências de prazer e de alegria apesar do reconhecimento dos limites impostos a qualquer triunfo onipotente; e, finalmente, produzem uma modalidade de laço social baseado não na repressão pulsional, mas no compartilhamento afetivo.” (KUPERMANN, 2010, p.200)

A sublimação implica na perda de um objeto que era até então investido de libido objetual (ou sexual), o que acarretaria então uma dessexualização de tal objeto. Há então uma introversão da energia libidinal, que se torna agora narcísica(ou do ego), necessária para que novos objetos possam ser investidos de libido, ou seja, sexualizados, o que só é possível através de um trabalho de luto.

Nesse momento em que a libido se dessexualiza, proporciona “a presença, no ego, da pulsão de morte desligada, que será utilizada para o movimento, necessariamente agressivo, de constituição de novos objetos de investimento sexual.”(KUPERMANN, 2010, p.202) Porém, se há uma idealização do objeto perdido, o que não permite um trabalho de luto, a pulsão de morte não mais contribuirá para a eleição de novo objeto, mas alimenta o superego em sua face tirana e impiedosa, expondo o ego a um grande perigo, gerando um narcisismo de morte, que é próprio do processo melancólico.

Já no processo humorístico, o superego não é alimentado por essas pulsões de morte, uma vez que promove uma desidealização do objeto, o que gera um efeito contrário, auxiliando o processo de criação sublimatório, possibilitando o surgimento de novos objetos de investimento, a partir da aceitação da perda de uma figura paterna protetora, reconhecendo sua orfandade. E isso só é possível a medida que há uma identificação apenas “até certo ponto” com o pai. Caso

contrário, o ato criativo torna-se inviável. É o ideal de ego e não o superego que participa dos processos sublimatórios. se o ideal do ego estimula, ou mesmo “exige”, a sublimação, os processos criativos parecem preservar sua independência em relação a ele (FREUD, apud KUPERMANN, 2010, p.203).

## 12. CAPÍTULO 9 - O palhaço

A palavra “palhaço” tem origem do italiano “paglia” (palha), fazendo referencia às roupas listradas que usavam tempos atrás, que lembravam os panos que cobriam as camas de palha. Clown, por outro lado, faz referencia a “clod” (camponês), que fala de algo mais rústico, indicando algo simples, espontâneo. Apesar da diferença, muitas vezes o clown e o palhaço acabam tendo o mesmo sentido.

Importante destacar que o palhaço não é uma personagem criada e a ser interpretada, mas sim uma expressão da própria pessoa, enfatizando seus próprios defeitos ao invés de escondê-los. “O que existe são estruturas suas que são caricaturadas e mostradas em seu universo lúdico”. (ASSIS, 2010, p.38). E, expondo-se ao ridículo, mostrando suas mais obscuras facetas.

Ao longo do tempo foi possível observar o que funcionava na comicidade de um palhaço. Uma forma de se apresentar bastante conhecida pelos palhaços ficou conhecida como “branco e augusto”, que seriam como duas possíveis personas a serem destacadas, tanto num mesmo palhaço como numa dupla, onde cada um assumiria uma delas.

O palhaço pode ser representado por duas figuras, de acordo com sua atitude, chamadas de branco e augusto. A primeira é representada por seu comportamento inteligente, lúcido, elegante, perfeito. A segunda, ao contrário, comporta-se atrapalhadamente, é desajeitada e imperfeita em suas tentativas de realizar o que deseja. O branco e o augusto representam duas atitudes psicológicas do homem: a razão e o instinto, a perfeição e a imperfeição, o certo e o errado. (MASETTI, 1998, p. 39 apud ASSIS et al., 2017, p.77)

O palhaço não se expressa da forma esperada para um adulto inserido no contexto sociocultural correspondente. Abdica-se da racionalidade e do pensamento lógico, dirigindo-se ao lado mais infantil presente em nós, quase esquecido. “O clown põe em desordem certa ordem e permite assim denunciar a ordem vigente”(ASSIS, 2010, p.39). Permite-nos uma experiência do mundo de novas formas, não mais a forma esperada por conta da automatização de nossas rotinas,

“colaborando para a transcendência da condição de uma pessoa fragilizada, trocando com o outro o riso pela dor”.(ASSIS, 2010, p.39)

Segundo Amendoeira (2008, apud ASSIS et al., 2017, p.76), a arte promove uma relação do artista com seu inconsciente, que tem certas potencialidades realizadas concretamente em sua arte a partir da invenção, trazendo à tona o sujeito.

Para combater as três fontes de angústia citadas por Freud, a autora aponta o trabalho, a arte e a desintoxicação como métodos de evitar o desprazer que promovem.

O palhaço, especificamente, se caracteriza por se colocar à margem da sociedade, questionando a estrutura e a ordem social, tratando do reprimido, ligando o homem à sua essência e à sua condição (ASSIS, 2017, p.79).

Virginia Britto (2013) aponta como isso se dá no humor de Charles Chaplin. Em seu primeiro filme, após atuações apenas nos teatro, a história não era escrita totalmente, o que abria espaço para maior criatividade dos atores. Chaplin, ao criar sua personagem Carlito, diz ter entrado na personalidade do vagabundo, o que segundo Britto a partir das ideias de Freud ocorreu de forma inconsciente, trazendo à tona elementos do próprio ator que antes estavam escondidos.

Britto (2013), ainda como as transformações da personagem acompanham os movimentos que acontecem na vida pessoal do ator, uma vez que esta é uma singela expressão de algo dele que é próprio dele. Através do processo de criação com o humor, Chaplin consegue transpor várias dificuldades e recriar a própria vida, construindo uma ponte para a sua reconstrução interna.

Isso aponta para a possibilidade de transformação pessoal que o humor pode servir como auxílio. “Colocar-se no lugar de outro, muitas vezes é uma forma de cômico, à medida que permite a descoberta involuntária, ao constatar detalhes destacados da pessoa escolhida.” (MONTEIRO, 2009, p.51)

### 13. CAPITULO 10 – Humor na clínica

Em artigo publicado por Silvia Lira (2014), a autora usa como referencia uma personagem interpretada por Robert De Niro no filme “A família”, chamado Manzoni. Em uma cena ele espancou outro homem por motivos banais, deixando o sujeito gravemente ferido. Preocupado com o que poderia acontecer ao sujeito, levou-o ao hospital. Certo momento é indagado pelo médico de como aquilo teria acontecido, o que o deixa desconcertado, alternando entre olhares simpáticos para o doutor e ameaçadores para o paciente. A personagem é produto de uma ambiguidade, entre o amado marido e pai que quer proteger sua família e seus impulsos de liberar seu ódio.

O humor do filme se dá principalmente pelo fato da ambiguidade nas atitudes de Manzoni. Ele é um amor com sua família e seu cachorro, enquanto explode por coisas pequenas, chegando até a matar por motivos aparentemente banais, o que lhe proporciona certo prazer.

Em seguida, Castro (2014) apresenta o caso de um paciente bastante semelhante à personagem interpretada por De Niro. Um adulto que, aos 18 anos, tentou suicídio e agora, aos 45 anos, fala sobre uma impulsividade que o coloca em situações de risco, além de constantemente fantasiar sobre duelos, onde matava, ou acidentes nos quais morria. Em algumas situações era totalmente tomado pela raiva, por pensamentos destrutivos que em algumas situações se dirigiam aos outros, mas as vezes a si mesmo.

Reconhecendo-o como um sujeito bastante obsessivo, Castro (2014) lembra-se de uma importante constatação acerca desse perfil:

Quando o obsessivo obtém um gozo perverso, ele estranha sua satisfação libidinal, não se reconhece neste ato. Esse é um gozo estrangeiro, vindo de fora. Ao contrário do perverso, o obsessivo se divide e se angustia, pois é atormentado pelos escrúpulos e pelos valores morais.(GAZZOLA, 2002, apud CASTRO, 2014, p.103)

Passa, então a tentar fazer com que ele perceba o quão exageradas são suas atitudes, mostrando-lhe o non-sense presente nelas. De acordo com ela passa a ver resultados positivos, pois passa a compreender melhor seu próprio gozo e a

ter consciência do prazer que obtém nessas situações, o que ocorreu justamente a partir da forma como se debruça diante destas, a partir do humor.

Pode-se perceber nesse caso como o humor serviu para auxiliar no andamento do caso em direção a uma melhora na condição do sujeito que, ao conseguir perceber com humor as situações que lhe angustiavam e atrapalhavam seu dia a dia, passa a encará-las com menos peso, podendo enfrentá-las mais facilmente e mudar suas atitudes em situações parecidas.

Pode-se afirmar que o humor é uma forma de reconhecer os limites de uma visão de mundo e, a partir deles, fantasiar a respeito de novas formas de perceber algo que considera falho, sem que isso lhe cause muita dor, pois como sabemos, o humor substitui os afetos que derivariam dessa constatação pelo prazer. Essa mesma afirmação vale para um sujeito que olha pra si mesmo e toma uma atitude humorística sobre seus defeitos e imperfeições, abrindo caminho para novas formas de ser no mundo.

Portanto, como podemos pensar o humor dentro de um contexto da clínica? Para Ferraz (2009), não é simples pensar nessa aproximação no contexto atual, pois falamos de um sujeito inserido em uma cultura em que há uma exigência a se manter uma seriedade, onde o riso é considerado como uma falta de comprometimento.

O humor requer reconhecer a fragilidade humana, a possibilidade da morte e ainda rir disso, o que seria na verdade sua maior força. Mas o sujeito paranoico da atualidade tem medo de admitir sua própria fragilidade, negando-a como pode.

“A única forma de tratar o germe da paranoia é o riso, o riso de si” (ROUSTANG, apud DUTRA, apud FERRAZ, 2009, p86) Portanto, pode-se pensar que aquele que ri de si mesmo assume sua fragilidade, sua finitude, sem negar, pois não tem medo e, ao fazer isso, abre novas possibilidades em sua existência, pois cria novas verdades, novas formas de pensamento. O humor pode surgir no contexto analítico tanto por parte do analista como do analisando, ao reconhecerem um exagero ao valor que foi dado a algo, diminuindo o perigo que essa coisa apresentava.

É justamente isso que aponta o autor como uma das possibilidades do humor na clínica. “Pode-se dizer que uma “boa interpretação” é a que escanCHA aberturas para novas formas de pensamento, que podem se desdobrar na construção de um novo modo de estar no mundo, e isso passa pela angústia... mas também pelo riso”

(FERRAZ, 2009, p.87). Para isso, é necessário que o terapeuta consiga rir de si mesmo, caso contrário suas análises ainda dizem respeito a verdades engessadas, o que promoveria um fechamento ao invés de uma abertura. Seria uma nova forma de enfrentar as angústias reais da vida, recriando a si mesmo e o mundo.

De acordo com Carlo Viganò (2004), o objetivo da clínica psicanalítica seria tratar o “mental”, abrindo novos horizontes de pensamento que modifiquem sua relação com o real, necessário para que o próprio sujeito torne-se protagonista de seu bem-estar.

Cabe ao psicanalista manter uma atitude que pode ser considerada humorística, pois deve fugir ao óbvio para permitir que sua interpretação fuja aquilo que é dito, para buscar o sentido oculto ou a falta de sentido que está presente no discurso de seu analisando. Martins (2009) conclui que há uma similaridade entre o psicanalista e o artista, a mesma medida que o aproxima do humorista, no seu ato de criar novos significados diante de algo com sentidos já enrijecidos.

Só então o paciente pode também adotar uma atitude semelhante em relação a si mesmo. O chiste, como as outras formações inconscientes, abre caminho para que algo reprimido apareça sem que isso gere uma angústia, mas apresenta sua particularidade, que é obter prazer nesse processo. Num chiste, pode se pronunciar algo que antes não conseguiu ser dito, abrindo novas possibilidades de pensamento e de se relacionar com o mundo, o que serviria, portanto, de auxílio ao objetivo de uma análise psicanalítica.

## 14. CAPÍTULO 11 – Humor e Velhice

O artigo de Lima(2011) dá um panorama de como a velhice é compreendida desde a instauração da modernidade e o lugar que o idoso ocupa em uma sociedade. Partem de uma compreensão de que no mundo contemporâneo as exigências sociais passam a ter uma enorme força, se dignifica a individualidade, em sua busca pela perfeição e pelo prazer, em direção de um ideal socialmente construído. Tudo e todos que se distanciam desse ideal são deixados à margem da sociedade. Dentre os diversos grupos que ocupam tal posição, um deles é o dos idosos.

De acordo com Freud em “Mal estar da civilização” (1930) são três as fontes do sofrimento psíquico: o corpo, os ataques do mundo externo e as relações com os outros. Segundo as autoras, atualmente “O homem contemporâneo vivencia o paradoxo da negação do sofrimento versus a luta incessante pela felicidade.”(LIMA et al., 2011, p.1602). Em relação ao corpo, remédios ou cirurgias que evitam que adoça, que sinta dor, que envelheça, através de um alívio imediato.

Em relação aos ataques do mundo externo, Bauman (1999), a respeito disso, diz que “tudo, ou quase tudo é descartável e substituível, ou simplesmente existe apenas dentro do computador. Se algo ou alguém causa contrariedade e não mais é fonte de prazer, o indivíduo tem a ‘liberdade’ de descartar (BAUMAN, apud LIMA et al. 2011, p.1603).”

E o efeito que isso tem nas relações humanas é que as torna cada vez mais frágeis, gerando cada vez mais angústias, por conta de sua instabilidade geradora de insegurança. “A cada instante o sujeito é requisitado a se reinventar e tentar produzir uma imagem completa e perfeita de si mesmo” (LIMA et al., 2011, p.1604). Há uma cisão entre a imagem que se mostra para os outros, aparentemente completa, e a realidade interna, faltante.

ideais de consumo como pretensão de um desejo sempre satisfeito plenamente; ideais do aqui e agora que envolvem a queda das utopias e a abolição da história em que a dimensão do futuro submete-se a um presente que exige do sujeito ser agora e já, lançando o Ideal de eu para um futuro distante e incerto; ideais de leveza que se opõem aos valores ‘pesados’ das tradições e que se

manifestam através do culto da própria imagem e da superfície; os ideais do mundo da imagem midiática; ideais de juventude com padrões cada vez mais altos de estética e de comportamentos que negam a velhice e a morte; ideais de pragmatismo com sua valorização de ações práticas e eficientes que levem o indivíduo a atingir os ideais anteriores, depreciando valores éticos tradicionais(GOLDFARB, apud LIMA et al., 2011, p.1604)

Os ideais passam a dizer respeito ao aqui e agora e não mais a realização de projetos futuros, a médio e longo prazo, que compreende justamente o que é a velhice, que é uma negação de todos esses ideais.

E assim nossa relação com a velhice e com os idosos passam a sofrer grandes mudanças. O corpo deste com suas marcas deixadas pelo tempo não são mais sinais de respeito, mas motivo de vergonha e a serem evitados de várias formas. Antes considerados sábios devido à experiência e, portanto, bons conselheiros, são substituídos por formas de comunicação tecnológicas, tornando suas memórias inúteis, uma vez que são registradas e propagadas de uma nova forma por esses meios de informação, mais breves, dinâmicos e que se renovam incessantemente. “Com o desinteresse e substituição da memória evocativa, o velho fica relegado à margem da coletividade, esquecido e carente de ser ouvido.”(LIMA et al., 2011, p.1606).

De acordo com Bosi (LIMA et atl. 2011, p.1606), no momento em que os velhos se retraem, perdendo a posição social que antes ocupavam, significa uma grande perda para o grupo, que perde contato com sua própria história. Hillman (2001 apud LIMA et al., 2011, p.1606) afirma que a sociedade fica alienada de si mesma, pois excluem aqueles que passam seus costumes e tradições adiante, afastando-se de sua própria cultura.

## 15. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização do trabalho, foi possível perceber que o tema do humor tem sido bastante pesquisado no campo da psicologia recentemente. Aos chistes já se tinha dado grande importância, compreendido como uma função do inconsciente, junto com os sonhos, os atos falhos e sintomas. Já o humor, passa a ter maior atenção após Freud, em seus últimos anos de vida, escrever um seminário intitulado “O humor”, apresentado por sua filha, uma vez que já não conseguia falar.

Assim, passa-se a delimitar melhor o que é o humor de acordo com a teoria psicanalítica. Para tal, foi preciso diferenciá-lo do cômico, compreendido como uma situação na qual, a partir de uma identificação e uma comparação com um outro que, em um ato, despense uma energia desnecessária, ou desigual à considerada necessária, provocando o riso naquele que a economiza, quase como um alívio.

. No humor a economia não é a de energia gasta em um ato, mas uma economia psíquica, na qual um afeto doloroso é substituído pelo prazer. Apresenta pela primeira vez na obra de Freud um lado bondoso do superego, que mostra ao sujeito que o mundo, antes ameaçador, não passa de algo digno de uma piada, substituindo o medo pelo prazer. A partir do estudo do humor pode-se conhecer uma nova face do superego, ainda pouco conhecida.

Sobre tal constatação, pode se pensar os motivos pelos quais o humor já foi e ainda é temido em muitas sociedades. O humor é uma forma de se ter prazer onde se esperaria o medo, que é uma forma daqueles que detém alguma posição de poder manter o controle sobre seus subordinados. A atitude humorística permite que o sujeito, utilizando-se do dito humorístico a partir de jogos de linguagem, consiga rir daquilo que, esperar-se-ia, que tivesse medo.

Assim, o humor pode ser uma forma de rir de alguém ou de alguma situação na qual se esperaria outro afeto, ou seja, permite ao sujeito que consiga rir a partir de algo que é indesejado. Quando percebe que uma visão de mundo contém verdades das quais não concorda, o humor pode lhe servir como mecanismo denunciatório, lhe conferindo um grande poder. O humor já chegou a ser proibido em muitas sociedades e é muito utilizado para se falar sobre política, por exemplo.

E o riso do humor, como pode se perceber, diz respeito à linguagem, algo compartilhado por toda uma sociedade ou cultura e que permite que os indivíduos se insiram nela. O riso e o humor têm, portanto uma dimensão e uma função social.

Ao cometer uma transgressão em relação a uma visão compartilhada de mundo, pelo uso do humor, é o riso do outro que aprova tal traição. Criam, pelo jogo de palavras, novas realidades, menores do que aquela que ataca, modificando-a. Assim, abre caminho para novas formas de pensamento e pra transformação e são passados adiante pela linguagem.

Aqueles que riem passam, assim como aqueles que fazem o uso do humor, a reconhecer as vulnerabilidades de algo que antes considerava ser sólido e inabalável. Desinvestem libido de onde antes investiam, voltando essa energia para si mesmo, o que pode ser considerado um triunfo do ego e também é o que aproxima o processo humorístico da sublimação. Destrói seus ideais obtendo prazer disso e então se reconstrói, afirmando uma visão de mundo transformada.

Mas essa nova compreensão que o humorista apresenta acerca do mundo em seu dito humorístico, nem sempre é compartilhada por seus iguais. Ela pode ser entendida como algo obscuro. A realidade do humorista, nesse caso, seria somente dele, solitário em seu mundo. De forma semelhante, como pensou Câmara(2009), funciona o delírio, no qual o sujeito relata uma realidade que mais ninguém compartilha. A compreensão do humor pode auxiliar de alguma forma no entendimento do delírio, assim como o contrário foi feito pela autora.

Até agora, falou-se apenas da desidealização de imagens socialmente investidas sexualmente, ou visões de mundo compartilhadas por um grupo. Mas o mesmo pode ser pensado no contexto individual. Um sujeito pode reconhecer em si mesmo características ou situações que não lhe agradam e aprender a rir delas.

Castro (2014) apresenta um caso no qual se utiliza do humor. Apontando o non-sense das situações relatadas como desgostosas pelo paciente, ele podia rir de si mesmo, percebendo seus exageros e suas contradições. Para a psicóloga, isso marca uma melhora no processo do paciente. O rir de si mesmo, próprio do humor, pode ser considerado algo positivo. Essa afirmação pode ser importante para o campo da psicologia, uma vez que abre questionamentos sobre o que leva alguém a conseguir rir de si mesmo, por exemplo.

Processo parecido aconteceu com Charlis Chaplin, como aponta Britto(2013). Mas no caso, a vida do ator acompanhou o desenvolvimento de sua personagem Carlitos, que pode ser considerado um palhaço, por suas características simplistas e sua espontaneidade. E, como tal, é expressão de algo próprio ao artista e não simplesmente interpretado. É muito comum ver cursos nos quais as pessoas podem

“descobrir seu palhaço”, algo apresentado como um processo de auto descoberta. Seria interessante saber como a psicologia enxerga isso. Uma vez que o chiste é uma das formas de manifestação do inconsciente, será que tal processo pode ser considerado, de certa forma, terapêutico?

## 16. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Assis, J. M. O riso pela lógica do Palhaço na Clinicanálise do sofrimento psíquico grave. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília, 2010, Brasil.

ASSIS, Juscelino Moreira de et al . O palhaço, a psicanálise e o sujeito na contemporaneidade. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 39, n. 73, p. 83-89, jun. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952017000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

BALEEIRO, Maria Clarice. Brincando com as palavras: o reencontro da alegria infantil. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 46-50, out. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

BARBIERI, Cibele Prado. Perversão, humor e sublimação. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 32, p. 39-44, nov. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

BIRMAN, Joel. O rei está nu: Contrapoder e realização de desejo, na piada e no humor. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 22, n. 1, p. 175-191, jun. 2010 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652010000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

BORGES, Juliana Marques Caldeira. Psicanálise e humor. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 36, n. 67, p. 97-100, jun. 2014 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952014000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952014000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

BRITTO, Virgínia. Humor em Chaplin. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 39, p. 137-141, jul. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372013000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

CAMARA, Gabriel Ferreira. O cômico do delírio. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 34-39, out. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

CASTRO, Silvia Lira Staccioli. O importante papel do humor na direção da cura. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro , n. 28, p. 99-107, jun. 2014 . Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2014000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2014000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. O humor na criminalidade perversa. **Cogito**, Salvador, v. 10, p. 62-66, out. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

CORREA, Carlos Pinto. O humor na letra. **Cogito**, Salvador, v. 10, p. 15-20, out. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

FERRAZ, Wagner de Angeli. O riso: da loucura à clínica. **Cogito**, Salvador, v. 10, p. 83-90, out. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100015&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

GOLDENBERG, Mirian; JABLONSKI, Bernardo. O gênero da risada. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 17-29, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652011000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652011000200002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

GORENDER, Miriam. Do porque da censura ao riso. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 31, p. 137-141, out. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100017&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

KUPERMANN, Daniel. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 193-207, jun. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652010000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Ainda sobre o humor, à luz de Freud e Pirandello. **Cogito**, Salvador, v. 10, p. 28-33, out. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de; VIANA, Terezinha de Camargo; LAZZARINI, Eliana Rigotto. "Velhice?: acho ótima, considerando a alternativa": reflexões sobre velhice e humor. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 4, p. 1597-1618, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000400012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000400012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 37-45, 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-)

49802007000300004&lng=en&nrm=iso>. access  
on 10 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

MACHADO, Sheyla. O humor em três tempos. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 56-61, out. 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MAGALHAES, Sonia Campos. Um dom raro e precioso. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 78-82, out. 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MARTINS, Maria Lúcia. Humor e literatura: uma hipótese apoiada na ficção de Graciliano Ramos. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 67-71, out. 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MASETTI, Morgana. Doutores da ética da alegria. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 9, n. 17, p. 453-458, Aug. 2005 . Available from  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832005000200026&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200026&lng=en&nrm=iso)>. access  
on 10 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000200026>

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. PS - Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 33, n. 62, p. 55-67, set. 2011 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MONTEIRO, Marli Piva. Humor Absurdo. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 51-55, out. 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Humor e psicanálise. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 31, p. 114-124, out. 2008 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MOTTA, Véra. Humor: nudez e máscara. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 72-77, out. 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

MOUSINHO, Renata et al . Aquisição da linguagem figurada. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 26, n. 80, p. 200-206, 2009 . Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000200005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

OLIVEIRA, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2008.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa. Humor: dor e sublimação. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 33, n. 61, p. 21-27, jun. 2011 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952011000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

SOARES, Adriana Benevides et al . Humor: ingrediente indispensável nas relações sociais?. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 93-105, ago. 2014 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872014000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

SOUZA, Aurélio. Nem sempre o riso faz bem. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 8-14, out. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 jun. 2019.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. O humor e a delicadeza. **Cogito**, Salvador , v. 10, p. 40-45, out. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792009000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792009000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.

VIGANO, Carlo. Recuperar a saúde mental. **Mental**, Barbacena , v. 2, n. 3, p. 31-37, nov. 2004 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 10 jun. 2019.